

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (30 n.ºs) 1\$000 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.
 FORA D'AVEIRO: anno (30 n.ºs) 1\$125 rs.; semestre (25 n.ºs) 570 rs.
 BRAZIL (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1\$500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

A ENXURRADA

Os jornaes da monarchia fallam-nos com insistencia em podridões indignas. Francamente, é com muito custo que os leio.

Aborreço profundamente a monarchia, um regimen que se ante-põe á minha razão, á minha consciencia, á minha dignidade d'ente livre, independente, responsavel; mas eu contentar-me-hia com repellit-a só á face dos principios, não quereria que me ennojasse.

Os periodicos que me revelam tantas miserias, tantas porcarias, escapam-me das mãos. Chego a receiar, agora que se levanta terrivel o espectro do colera, que me façam adoecer. Porque, digamos a verdade, não ha nada tão immundo como essa caranguejola que para ali está de pé. Emquanto elles, os homens realengos, podem esconder a roupa suja, não vae a cousa de todo mal; mas quando os progressistas a trazem para a rua... ai, que immundicie! Convertem isto n'um pantano enorme, d'onde se evolvem miasmas deleterios. O acido phenico, o choloreto de cal, todos os desinfectantes reunidos, não são capazes de combater esta atmospheria viciada.

«Tudo está perdido» — dizia um celebre general depois d'uma batalha.

«Tudo está pôdre», dizem hoje os progressistas furibundos.

Estão pôdres os ministros, pôdres os funcionarios publicos, pôdre o rei e real familia, pôdre toda essa clientella realenga. De maneira que para bem do povo d'esta terra não temos remedio senão estabelecer um cordão sanitario em volta da monarchia, ou sujeital-a a quarentena eterna, quarentena que pôde perfeitamente ter lugar lá fóra da fronteira.

A tavolagem impera, a corrupção dá leis. Segundo os orgãos da opposição realista, vendem-se empregos aos centos nas arcadas do Terreiro do Paço, nas repartições nacionaes, nos gabinetes dos ministros, no Gremio Lisbonense e até nos lupanares. O mercado ramifica-se mesmo em todo o paiz; sem que queira dizer com isto que exista tambem em Aveiro, apezar da terra dos ovos molles andar arrastadinha em questões de moralidade, coitada.

No dizer dos mesmos orgãos, as prostitutas do «high-life» vão ao leme da nau do estado. Põem e dispõem dos destinos dos mortaes com mais arrogancia do que o velho Deus do Olympo. O que aquellas Eumenides com dentes, esbeltas, rosadas, libidinosas, elegantes, puxadas a boas parellhas, quizerem, faz-se. Querem um escandalo, uma pouca vergonha indigna? Prompto, — uma pouca vergonha apimentada.

E depois tudo se sabe, tudo se cita com vaidade até por parte dos criminosos. Sim, contava n'outro dia um jornal de Lisboa

que um malandro (perdoae-nos o nome, leitores!) d'un deputado da nação (que vergonha!) se queixava algures de um amigo d'elle lhe não ter dado parte de uns centos de libras que arranjára por empregar um certo individuo, emprego para que elle deputado muito concorrera.

E taes indecencias praticam-se sob o patronato d'un politico que denominam o primeiro estadista do paiz! Primeiro na miseria, no favoritismo indigno, no escandalo?

Eu sempre ouvi dizer que não ha nada n'este mundo peor do que um velho devasso.

Antonio Maria Fontes Pereira de Mello é d'esses. É o protector encartado de todos os criminosos. Se em Portugal houvesse justiça, onde estaria aquelle homem? E o Hintze? Era uma das esperanças dos realistas ingenuos. Homem novo, esperavam muito da sua honestidade. Pobres ingenuos e pobre honestidade! O salamanqueiro é um grande discipulo do Fontes. E o Bocage, o homem sério? E o Serpa?

Enxurrada, enxurrada, tudo vae na enxurrada. E o mais grave é que não ha de ser facil detê-la.

Ignotus.

ESTADO DO PAIZ

Sem exercito, porque só nominalmente ascende a trinta mil homens em paz e setenta mil em guerra; sem esquadra porque dois ou tres calham-

beques condemnados e um couraçado com o busto do grande almirante do mar das Indias não constituem sequer um nucleo de combate; sem fortalezas porque as modernas estão desguarnecidas e mudas, e as antigas desmanteladas, inclusive a de Elvas, onde a agua se vende aos barris no tempo da carestia d'ella, por forma que a guarnição render-se-ha á sede e á mingua antes da artilheria troar ameaças; sem armas para a defeza do territorio porque as de infantaria são umas velhas espingardas remendadas; as de caçadores ainda precisam de fulminante, as dos guardas d'Alfandega (especie de carabineiros) são de carregar pela bocca, as espadas de cavallaria não tem cavallos que as levem e as peças de artilheria não têm soldados que as sirvam; sem disciplina porque qualquer malandro se contracta como substituto, e qualquer recruta se mette a alvejar a espingarda ao peito do seu commandante quando este levemente o reprehende; sem moralidade no poder porque atropela-se tudo para se conservarem as boas graças do rei; sem economia racional porque a Inglaterra enche-nos os cofres todos os annos com empréstimos ruinosos; sem previdencia porque se desamortizam todos os dias grandes tractos de terreno e em troca d'estas riquezas recebem as corporações administrativas e as irmandades um titulo de papel, que obedecendo á lei do mercado fluctua, baixa, e muitas vezes se afunda; sem dignidade porque somos enxovalhados um mez e outro com as pretensões da Grã-Bretanha, e aguentamos tudo de bom semblante agradecendo as injurias; sem estímulo para o trabalho porque este é improductivo e as nossas industrias fenecem; sem estadistas porque o povo não intervem na sua escolha, e vai em treze annos que se ouve dizer de todos os lados que não ha ninguem n'este paiz de cegos como o ministro Fontes; sem cautela porque os jesuitas andam a estabelecer-se em quantas cidades conta Portugal; sem diplomatas que nos ampliassem as colonias da Africa quando ha cinco, dez, ou vinte annos nenhuma nação

culta nos disputava os territorios vizinhos; finalmente sem um alliado serio, honesto, e generoso capaz de desembanhar a espada pela nossa causa, a qual o desalento de todos, com justiça, julga perdida!!!

Corollario de todas estas premissas foi a censura oficialmente dirigida ao major Quillinan por haver esbofetado em carta ao deputado inglez Jacob Bright.

Corollario d'estas premissas é ainda a alta veniaga e trapaçaria, que os jornaes andam discutindo hoje na imprensa.

As portas da Europa, pelos lados do berço da aurora, bate o espectro do cholera... ai de nós!... que ha muito o temos em casa, devastando as nossas esperanças, essa ultima riqueza do homem.

Fau-Craticio.

O passado e o futuro da nacionalidade portugueza.

É preciso que não nos iludamos nem queiramos illudir o povo. É preciso dizer-lhe toda a verdade embora nos custe, embora incommode os potentados, os magnates que occupam os primeiros cargos da nação.

Portugal é uma nacionalidade fatalmente perdida, porque tem pretendido viver acalentado das suas tradições d'outra ora; tem olhado sempre estatico para o passado agarrado ás instituições anachronicas que tem cavado a sua ruina economica, que o tem envilecido e deshonrado, e que fatalmente lhe perderão a autonomia se emquanto é tempo o povo não se levantar energicamente para protestar contra tanta torpeza, contra tanta des-

Folhetim

DISCURSO

PRONUNCIADO NA CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS DO IMPERIO DO BRAZIL

Na sessão de 16 de julho de 1880
 Pelo sr.

Saldanha Marinho

O Sr. Saldanha Marinho:—Começarei pelo sr. Pimenta Bueno, o qual no seu conceituado «Direito publico brazileiro e analyse da Constituição do Imperio» diz o seguinte (1):

«Embora a disposição geral tenha por objecto dogmas, ou doutrina essencial á igreja, ainda assim essa approvação prévia é indispensavel por isso que na respectiva «constituição», «bulla» ou «decisão», pôde, porventura, o legislador ecclesiastico incluir algum principio nocivo ao Estado.»

A prova da procedencia desta doutrina está no proprio Breve «Quamquam dolores», no qual se proscribe o direito politico de beneplacito e se condemnna positivamente os mais sãos principios liberaes.

Diz ainda o Sr. Pimenta Bueno (1): «A disposição puramente particular não tem tanta gravidade... e, portanto, basta

para sua execução o beneplacito do poder executivo, que o não concede sem o necessario exame.»

«A approvação ou beneplacito, nos termos expostos, é essencial; é attribuição inalienavel do poder politico, de sua inspecção e responsabilidade, pela ordem e bem ser social, pela defesa de seus direitos e pela prevenção «do que lhe possa ser nocivo». E é de mister que o poder ecclesiastico não invada, não usupe os direitos da soberania nacional, nem perturbe a paz publica.»

Não se pôde ser mais explicito nem mais positivo. O preceito da Constituição foi juridicamente interpretado pelo Sr. Pimenta Bueno.

E esta mesma doutrina, Sr. Presidente, que com a firmeza da maior convicção tenho sustentado, acha ainda em seu apoio uma auctoridade completamente insuspeita, a de um padre ultramontano, como me affirmam que é, o Sr. Dr. Rocha Vianna.

O sr. Rodolpho Dantas:—E' vigario. O sr. Saldanha Marinho:—O sr. Dr. Rocha Vianna, sacerdote sem duvida illustrado, diz na sua «Compillação das leis brazileiras que se referem á materia canonica» o seguinte (1):

«Será preciso o beneplacito para a publicação dos «canones», dos «concilios provinciaes e dos estatutos synodaes?» Parece que tudo isto está comprehendido n'estas genericas palavras da Constituição e quaesquer outras constituições ecclesiasticas.»

«As bullas dogmaticas, porem, não obstante a generalidade do artigo constitucional, tem sido publicadas, como aconteceu com a da Immaculada Conceição de Maria» sem BENEPLACITO IMPERIAL. N'esta parte, «felizmente», este artigo está em «desuso.»

O preceito constitucional não admite excepção, é o que affirmo o illustrado sr. dr. Rocha Vianna, o qual confessa que em al-

guns casos apenas «parece» em «desuso.»

O sr. Felicio dos Santos:—Devia desaparecer este artigo.

O sr. Saldanha Marinho:—Entretanto, este artigo, que faz depender de beneplacito os decretos da curia romana, é uma imprescindivel garantia da liberdade d'este paiz. (Muitos apoiados.)

O sr. Ruy Barboza:—Emquanto o regimen for o do realismo.

O sr. Lourenço de Albuquerque:—Que não é liberal.

O sr. Ruy Barboza:—Mas é constitucional.

O sr. Felicio dos Santos:—Levanten antes a bandeira, mas deixem-se d'esta guerra de alfinetadas aos bispos.

O sr. Ruy Barboza:—Está levantada: é preciso fazer cumprir a lei. (Ha outros apates.)

O sr. Saldanha Marinho:—E nem, sr. presidente, se adopta agora, no Brazil, uma doutrina nova. A Constituição do Imperio manteve o que as leis portuguezas determinavam.

O sr. Felicio dos Santos:—Triste origem esta do padroado.

O sr. Saldanha Marinho:—Ha outras cousas da mesma origem, porém mais tristes e repugnantes e que entretanto são observadas.

O sr. Felicio dos Santos:—Não deveriamos obedecer.

O sr. Saldanha Marinho:—Se V. Ex.ª aconselha e quer a anarchia, comprehendese que assim se manifesto, mas se quer a ordem, não será d'esse modo que a obterá.

O sr. Felicio dos Santos:—V. Ex.ª, democracia como é, admira-me que pense o contrario.

O sr. Saldanha Marinho:—Penso como não pôde deixar de pensar quem, verdadeiramente liberal, não consente em que os ha-

bitantes deste paiz estejam irremissivelmente sujeitos aos caprichos, á má vontade, aos planos politicos, á perversidade dos chefes da igreja romana, a de seus esbirros.

Se compararmos o que hoje se observa no Brazil Constitucional, com o que se praticava no velho Portugal absolutista, é forca confessar que alli, e em um governo absoluto, a soberania do Estado e a liberdade de consciencia eram muito melhor garantidas, do que neste «liberrimo» Brazil. Mencionarei alguns factos comprobatorios desta minha asserção.

O breve «Apostolicum pascendi» foi aprovado e repellido por lei de 6 de maio de 1765; o «Animarum saluti», pela lei de 28 d'agosto de 1767 § 13; o de Clemente XIV, «sobre o jubileu das ermidas do Senhor do Monte», pelo edicto de 22 d'abril de 1774; a bulla «Santissimi Domini», pela lei de 30 de abril de 1768; os «Indices expurgatorios» e bulla da «Cea» (que excomungava todas as gerações presentes e futuras da terra!) pelas leis de 2 de Abril de 1768 e 4 de Dezembro de 1769, etc.

Os reis de Portugal levaram tão alto o seu escrupulo e zelo pelo bem dos seus vassallos, que até restringiram os poderes dos nuncios, ou delegados do papa, e lhes marcaram a orbita de acção, da qual não consentiam que se apartassem.

A carta regia de 21 de setembro de 1624 e muito notavelmente o aviso de 14 de Junho de 1744 são provas exuberantes disso.

Ainda mais notaveis nesta materia são o alvará de 30 de julho de 1795 e a lei de 12 de junho de 1769.

Ainda mais, a lei de 5 de abril de 1768 restringiu as facultades dos enviados de Roma, e, além de confirmar quanto sobre a necessidade do «beneplacito» se achava já estabelecido, prohibiu, sob severas penas,

que os livros e papeis concernentes á religião se vendessem sem licença regia.

O sr. Lourenço de Albuquerque dá um aparte.

O sr. Saldanha Marinho:—V. Ex.ª não me quer comprehender. Eu disse que nesta parte havia então mais liberdade de consciencia e mais respeito á soberania nacional ali do que ha hoje aqui.

O sr. Felicio dos Santos:—Mas essa liberdade nasceu do despotismo contra a Igreja.

O sr. Saldanha Marinho:—Se isso foi despotismo contra a igreja, ella o provocou, e tornou indispensavel, porque saiu da orbita de suas attribuições espirituaes e quiz governar o mundo a seu modo e a seu capricho.

O poder temporal devia indeclinavelmente reagir contra a arrogancia de uma auctoridade estranha, que, por fins politicos e interesses inconfessaveis, se envolvia nos negocios do Estado. Sempre que se der uma igreja do Estado, o poder publico ha de reagir contra os desmandos ecclesiasticos. Dada essa hypothese, seja qual for a forma de governo, chamem como quizerem o chefe do Estado, a necessidade é a mesma. (Muitos apoiados.)

Para provar que o Estado não pôde ser desarmado d'esse poder, basta conhecer a historia do pontificado romano. Percorramos essa historia e veremos quantos scelerados se tem sentado na cadeira de S. Pedro.

Os pontos culminantes d'esses chamados successores de S. Pedro, diz o historiador illustrado, são: Gregorio I, que incendiou as bibliothecas de Omar; Gregorio VII que destruiu metade de Roma; Innocencio III, que fundou a inquisição; Alexandre III, que trahiu a Liga lombarda; Bonifacio IX, que aniquilou a liberdade municipal de Roma e

vergonha, contra tanta immoralidade, que campeia impunemente nas altas regiões do poder e que nos faz passar aos olhos das nações mais cultas da Europa como o baixo imperio do Occidente.

Se o povo portuguez não se mostrar energico e altivo terá de passar pela suprema das affrontas:—o ser eliminado d'entre os povos livres, pelo seu indifferentismo e pela sua covardia em não ter escorraçado do poder esses bandidos dos nossos haveres e das nossas liberdades!

A historia apresenta-nos exemplos terriveis; nações houve que pelos mesmos erros perderam a sua independencia. Sejamos pois previdentes e cautelosos em quanto é tempo.

Vale mais prevenir do que ter depois que lamentar em vão.

A politica portugueza se se pode assim chamar a essa farsa ignobil e ascorosa, a essa lucta de interesses mesquinhos que se tem perpassado deante de nós de ha trinta annos a esta parte, tem provado até á sociedade, que o povo esse eterno bode expiatorio dos bons monarchistas, nada deve nem tem a esperar d'esses torpes, cynicos e estafados partidos que só querem governar dentro da orbita da actual constituição, e que á falta de ideal politico, e de intenções generosas só tem estomago para devorar todos os recursos de que a nação dispõe. Longa tem sido já a experiencia. Cincoenta annos de pseudo-governo constitucional d'esse simulacro do governo representativo, eivado de todos os vicios de absolutismo e com todas as liberdades sophismadas e adulteradas. O que tem a nação lucrado com esse ensaio?

Nada, absolutamente nada. Nem dizemos bem, alguma cousa tem lucrado, o possuir um enorme descredito da sua moralidade e um espantoso deficit monetario que absorve para mais de metade dos seus rendimentos.

Eis o estado assás lisongeiro e prospero d'este malfadado paiz, digno em tudo de melhor sorte. A monarchia e só ella é a responsavel pela decadencia e abatimento em que elle se encontra.

O que espera o povo d'esses homens que hasteiam a bandeira monarchica, que se proclamam na opposição rasgadamente liberaes, quando forem ao poder?

A repetição dos mesmos erros dos mesmos abusos d'aquelles a quem hoje combatem tão encarniçadamente!

Que nos oiga quem tem ouvidos, e que nos acredite quem for sinceramente patriota e não deseje ver tremular nas nossas fortalezas a bandeira de qualquer outra potencia. É mister saber d'este estado de apathia, é preciso que o povo disperse d'esse longo lethargo e funde em quanto é tempo o seu governo, que estabeleça definitivamente a sua soberania consubstanciada na forma republicana!

A indecisão e a temidez n'estas conjecturas é um crime de lezo-patriotismo, porque com mais alguns annos de duração d'esta hachanal politica que se chama monarchia a nossa ruina será inevitavel!

Não pretendemos ser prophetas das desgraças futuras; pouco viverá quem não vir um dia o credito abalado, e a bancarota surgir como consequencia natural e logica d'esse panico, então n'esse dia a miseria será geral, e as finanças da nacionalidade portugueza estarão perdidas. Que a patria dos Veriatos e dos Sertorios «E d'outros varões em quem nem poder teve a morte» disperse e se emancipe da vergonhosa tutela em que tem jazido n'estes ultimos 50 annos. Oh! porque se assim o não fizer os vindouros com toda a justiça, terão um dia que amaldiçoar a geração presente, pela sua criminosa indifferença, pela sua falta de energia, pelo seu falso patriotismo, legando-lhes os horrores de uma prolongada escravidão!

Elpidio Pereira.

EXCERPTOS.

Lê-se n'um jornal regenerador, com referencia á venda d'empregos:

«Perante as declarações tão cathogoricas, tão explicitas, tão eloquentes, do Popular do Progresso, e do Primeiro de Janeiro, não é licito já duvidar. O infamissimo attentado perpetrado-se. A asquerosa traficancia foi effectuada. A viniaga vilissima commetteu-se!

E commetteu-se com conhecimento de causa, com reflexão e responsabilidade do ministro, do sr. Fontes Pereira de Mello, que tão olympico e alteneiro para com os homens de bem e honestos, que até chega a commetter faltas de boa educação e civilidade para com elles, se não peja de descer até ao nivel dos traficantes, entrar na crapula e partilhar da ignominia, sancionando e permitindo esta scena de tavolagem, patrocinando estas negociações de alcouce, promovendo e ajudando esta politica de serralho, em que os ministros não são os menos infames nem os partidos os menos responsaveis.

Podem os trunfos infamados, que intentam denegrir o partido regenerador, lançar seu pejo nem remorsos a sua dignidade pessoal no charco de lama das suas crapulosas devassidões; pôde o sr. Fontes, fraco ou cynico, mas em todo o caso indigno de dirigir homens honestos, sacrificar ás considerações indecorosas d'uma politica de Mesalinas, a dignidade, as tradições, os brios, a respeitabilidade e as glorias de todo o seu passado e do partido que está hoje deshonrando, mas o que não é possível admitir-se é que ho-

mens de talento, e convicções arreigadas, de fé ardente, e justificadas esperanças e ambições, estejam sacrificando o seu credito e as suas aspirações, o seu presente e o seu porvir, ás conveniencias ignobis d'esta polica de crapula, em que as amasias de uns vendem os cargos do estado, e em que os amigos d'estes reclamam ainda por cima com perfido cynismo que, dizem, lhes compete na venda.

Não se ouve ao longe o «tremendo derruir das instituições» que podem desabar; mas presente-se já o subir da yasa, vê-se o engrossar do monturo, descobre-se o avolumar da enxurrada, subvertendo a honra do partido, que mergulhou n'esse monturo, maculando as tradições e as glorias que o tornaram illustre, respeitado e querido da nação. E o sr. Fontes é o culpado!

O ministro a quem se fazem acusações tão graves; o membro do governo a quem se irrogam affrontas tão grandes; o chefe do partido que se cobre de ignominia tão indelevel e se não justifica nem d'ella se lava, não pôde merecer o nosso respeito, nem de nós receber, em quanto se não justifique, o apoio e adhesão que lhe prestámos e continuamos a prestar aos demais membros do governo de que faz parte.

E não volveremos mais á questão. Achamol-a de sobejo ignobil e de sobejo indigna para d'ella nos continuarmos a occupar. N'estas veniagas infamissimas de alcouce, quando um homem da posição e qualidades do sr. Fontes se permite baquear, não ha para os que se prezam e tem na conta de homens de bem caminho diverso do que abandonal-o.

Campeiem impudentes as amasias, sem pudor; erija-se em principio de administração a compra das graças das hetairas; eleve-se á altura de suprema conveniencia partidaria o transigrir com o indecoro e locupletar as amasias dos Lovelaces do partido deshonrado.

Nós é que votamos ao desprezo o ministro convertido em alcaioite, e iremos tendo em horror esta politica aviltada e volvida em valhaoito crapuloso de traficantes, amasias, e a venturoiros.»

Lê-se n'outro jornal regenerador. «Quizeram ascender ao poder pela encruzilhada vil da calumnia, saíram do poder rolando miseravelmente pelo calvario ignobil do desprestigio; procuram agora assaltar o poder pela sapa infamante da apostasia, alçando sobre as fileiras irrequietas o balsão negro das suas tradições deprimentes! Baixos, ineptos, falsarios! Baixos, quando os desvaira a ambição; ineptos, quando os aniquila o poder; falsarios, quando os desmascara o instincto. Baixos, quando levantam das praças a lama que atiram ao throno com as mãos febris, convulsas, como a garra enclavinhada do abutre que descortina a presa. Ineptos, quando rolam do fastigio tão sordidamente so-

nhado, rotos, escalavrados, envilecidos, e, como a bóla de gelo que pelos despenhadeiros da serrania se avoluma, vão adherindo em successivos baldões as immundicies d'essa esplanada de lodo que para escalar o poder edificaram. Falsarios, quando despem a farda bordada de corteção, a librê agalada de burocratas, para vestirem a bluse vermelha da baixa demagogia das ruas; quando levantam dos tapetes palacianos os joelhos dobrados diante do rei para mostrarem ao paiz que os pés são no poder um appendice que as genuflexões inutilizam e na opposição um ariete que o desvairamento maneja.»

Ambos dizem a verdade. Mas que scena de baixa comedia, que misérias, que indignidade, que infamias!

Quem ha para abi que não tenha vergonha de ser monarchico?

A monarchia é o campo dos trahentes e dos devassos.

Manoel de Mello

O correspondente do Commercio do Porto, no jornal de sexta-feira dedica ao nosso patricio as seguintes linhas que transcrevemos com agrado:

«Está em Lisboa, vindo de Aveiro, onde se demorou alguns dias a visitar sua familia, o sr. Manoel de Mello, digno e esclarecido secretario do Banco Hypothecario do Rio de Janeiro, antigo director do Gabinete Portuguez de Leitura, redactor da «Revista Brasileira» e author de diversos e importantes estudos de phylologia.

O sr. Manoel de Mello, o esclarecido author do «Catalogo da Bibliotheca do Gabinete Portuguez de Leitura», é um portuguez benemerito, muito estimado no Rio de Janeiro, e digno das sympathias que o acompanham.

Por causa do estado melindroso da sua saude, é que elle teve que interromper os seus trabalhos bancarios e litterarios, por algum tempo, e procurar na Europa a consulta dos medicos mais habéis e de maior clinica, e o lenitivo ao mal de que padece. Vae por isso ausentar-se para Baden ou Vichy, d'onde voltará aqui em Outubro e em dezembro regressará ao Brazil.

Fazemos votos que este illustre compatriota encontre rapidas e seguras melhoras, e regresse breve para termos o prazer de o tornar a ver e gozar a sua conversação que é a de erudito.»

* *

«Está em Lisboa o nosso distincto patricio o sr. Manoel de Mello que ha já bastantes annos reside no Rio de Janeiro. Este cavalheiro é o auctor do

magnifico catalogo da Bibliotheca do Gabinete Portuguez de Leitura, um trabalho de primeira ordem, e que só por si era bastante para lhe dar os foros de litterato distincto.

O sr. Manoel de Mello tenciona percorrer os diferentes paizes da Europa em viagem de recreio e instrução. Demora-se em Lisboa até ao dia 11 do corrente.

Enviámos ao nosso illustre patricio as nossas fraternas saudações.»

(O Seculo).

Acha-se na capital o sr. Manoel de Mello, nosso illustre patricio, ha muitos annos residente no Rio de Janeiro, e autor do importante catalogo do Gabinete Portuguez de Leitura.

Sua ex.ª demora-se em Lisboa até ao dia 11, partindo depois para o estrangeiro. Em primeiro logar seguirá para Vichy.»

(Primeiro de Janeiro).

Houve alguém mal intencionado, que para fins pouco dignos, se lembrou de divulgar que o ex.º sr. conselheiro José Ferreira da Cunha e Souza não aceitava o logar de provedor da Misericordia d'esta cidade, caso for eleito. Porem a carta que passamos a transcrever, e que sua ex.ª dirigio ao sr. Mendes Leite, prova a falsidade de tudo quanto para abi se propalou.

Eis a carta:

Ex.º amigo e sr.—Em resposta á mui obsequiosa carta, que de v. ex.ª recebi n'esta mesma data, cumpre-me dizer a v. ex.ª que é verdade ter eu declarado a diversas pessoas, que me tem fallado acerca da proxima eleição da meza da Misericordia d'esta cidade, que não tenho o menor desejo de ser eleito para cargo algum d'aquelle estabelecimento, e muito menos para o de provedor, que já tenho regeitado; e que, ao contrario, muito estimaria que essa eleição recahisse em qualquer outro dos muitos irmãos, que ha nas condições e circumstancias de muito melhor do que eu se desempenharem dos respectivos deveres.

E' porem egualmente certo que, desde que accendo ás instancias de v. ex.ª e ainda ás de outros cavalheiros d'esta cidade, me resignei a aceitar o cargo que a irmandade houvesse por bem conferir-me, não disse a pessoa alguma que o regeitaria nem regeitarei, se for eleito, assim pela consideração devida ás pessoas que em mim votarem, como e principalmente pela veneração para com a pessoa de v. ex.ª, pois sou com toda a estima

De v. ex.ª

respeitoso am.º e cr.º e obrigad.º P. S.—Pode v. ex.ª fazer d'esta o uso que lhe convenha. Aveiro, 4—7—83.

José Ferreira da Cunha e Souza.

Pio VI a de Bolonha; Engenio IV, que fez a guerra á liga dos principes italianos contra o estrangeiro; Nicolau V, que creou os «direitos» da casa Habsburgo, sobre a Italia; Alexandre VI, que decretou a censura dos livros; Julio II, que formou a liga de Cambraia contra Venezia; Clemente VII, que destruiu a Republica Florentina; Paulo III, que auctorizou a constituição dos jesuitas; Pio V, que eacheu a Europa de fogueiras; Paulo V, que tentou contra a existencia de Venezia; Urbano VIII, que torturou Galileu; Pio IX, enfim, que outorgou «a carta catholica á civilização» pelo seu «Syllabus».

O sr. Jeronymo Sodré:—O que prova isso?

O sr. Saldanha Marinho:—Prova que se os Estados devessem sujeitar-se á vontade caprichosa de qualquer scelerado, que alcançasse o supremo logar da Igreja, estariam todos perdidos; prova a necessidade de inspecção civil sobre os designios de Roma; prova que o beneplacito é imprescindivel; prova que todos os paizes, especialmente os paizes livres, devem estar investidos de acção conveniente e energia para conter a Igreja nos limites da sua jurisdicção espirital. (Apoiados e ápartes).

Entendo que o poder civil está não só no seu direito, mas no indeclinavel dever de apreciar qualquer disposição, qualquer doutrina de Roma, e julgar se é ou não compativel com a paz, segurança publica e com a firmeza e estabilidade dos direitos civis e politicos dos cidadãos. (A'partes).

Se fivessemos de nos sujeitarmos á paradoxal doutrina que tenho ouvido aqui proclamada, as consequencias seriam gravissimas. Os proprios que me combatem teriam de arrepende-se.

Temos visto já até serem fulminados de excomunição redactores de jornaes politicos e socizes. A curia romana quer intervir mes-

mo sobre liberdade de imprensa nos paizes catholicos.

Um sr. deputado:—Se os redactores não são catholicos, não se importam com a excomunição.

O sr. Saldanha Marinho:—Mas a liberdade de imprensa só pôde ser regida pelas leis politicas do Estado, assim como os abusos, que no exercicio d'essa liberdade se praticam, só podem ser punidos por essas mesmas leis e nunca pelo Papa. (Apoiados.)

O sr. Jeronymo Sodré, Felicio dos Santos e Monte dão repetidos ápartes.

O sr. Saldanha Marinho:—Nesta alluvião de ápartes já ouvi até que o Papa é cousa com que ninguém se importa.

Um sr. deputado:—V. Ex. está excomungado.

O sr. Saldanha Marinho:—Não sinto os effeitos dessa raiva romana, mas não admitto que com annuência ou complicitade dos nossos poderes politicos, os actos de estultia vangança dos sicarios espiritaes possam de qualquer modo reflectir sobre os direitos politicos.

O sr. Jeronymo Sodré:—Não reflectem.

O sr. Saldanha Marinho:—Reflectem sobre os direitos politicos, se a Igreja romana, não repudiada ainda officialmente, é e continúa a ser a do Estado.

O sr. Jeronymo Sodré:—Na França não reflectem.

O sr. Saldanha Marinho:—Affirmo-lhe que sim.

O sr. Jeronymo Sodré:—Não reflectem.

O sr. Saldanha Marinho:—Reflectem sobre os direitos politicos, digo a V. Ex. e vou prova-o.

Um sr. Deputado:—Entre nós não.

O sr. Jeronymo Sodré:—Tanto não reflectem sobre os direitos politicos, que V. Ex.ª está excomungado e deputado. E uma reflexão essa que não entendo,

O sr. Saldanha Marinho:—Serei a prova evidente de que o breve. Quamquam dolores, e os outros a que elle se refere, não podem ter execução no Imperio. Se a doutrina de meus nobres contendores prevalesse, se o que eu sustento não devesse ser admitido; como se explicaria esse facto? Foz-me a camara algum favor accellendo o diploma com que o povo do Amazonas me honrou? Não; não lhe pedi cousa alguma nem lhe accellara o favor.

Tenho a franqueza de confessar que sem beneplacito não se reconhece no Brazil nenhuma auctoridade da Igreja. É esta a doutrina da Constituição. (Cruzam-se muitos ápartes).

Vou demonstrar a minha proposição. Em quanto vigorar o art. 95 da Constituição e seus parographos não se pôde ser deputado senão sendo catholico apostolico romano.

O sr. Jeronymo Sodré:—V. Ex.º o foi, V. Ex.º é; ahí temos o facto.

O sr. Saldanha Marinho:—Obrigado por tanto favor. Mas se V. Ex.ª e os meus outros collegas que me interrompem se tivessem prevalido da doutrina que sustentam; considerando em vigor no Imperio esse Breve: se a camara assim o considerasse tambem, porque me não fecharam as portas desta casa, porque não me expeliram?

O sr. Monte:—Não podiam expellir: entre nós não ha perda de direitos.

O sr. Saldanha Marinho:—Como não?

O sr. Jeronymo Sodré:—Ou eu não sei enunciar o meu pensamento ou não tenho capacidade para entender os nobres deputados que por tal modo se pronunciam.

O bispo do Pará, esse famoso «orthodoxo» romano, que pretendo que sem beneplacito tenha effeito entre nós o «Quamquam dolores», serviu-se dessa arma contra mim na ultima eleição.

Querem a doutrina, aceitem-lhe francamente as consequencias.

(Numerosos ápartes interrompem o orador.)

Em quanto os nobres deputados divertem-se e conversam, eu sento-me para descançar. (Sentado.)

Vozes:—Ouçam! ouçam!

O sr. Presidente:—Attenção!

O sr. Bezerra Cavalcanti:—O orador não pediu a palavra para sustentar a opinião dos outros, mas sim para sustentar a sua opinião, como a tem de auovivido. Cada um pega depois a palavra para contestar; isto é que é regular.

(Restabelece-se o silencio.)

O sr. Saldanha Marinho (levantando-se):—Sr. presidente, sem que me embarcaram as interrupções, como que calculadas, com que tenho sido honrado, devo entretanto dizer que em uma questão de doutrina tão grave como esta, a calma é indispensavel. (Apoiados.)

Os que me combatem, esperem a sua vez de fallar; ouçam-me, e se puderem, refutem os meus argumentos. É assim que a discussão pôde ser vantajosa. (Apoiados.)

Não quero, nem pretendo triumphos contra quem quer que seja; basta-me a tranquillidade de minha consciencia, para me dar a mais completa victoria. Venham convencer-me, se são capazes, mas pronunciem-se com calma, opportuna e regularmente.

Como procedem, fazem prolongar inutilmente o debate, e apenas conseguem peiorar o meu estado de saude. Attendam que a interpellação marcada para uma hora da tarde, só teve logar muito depois, não sei se calculadamente. Apesar de tudo, não abandonarei o meu posto, e saberei cumprir o meu dever.

Continuarei a demonstração, já tantas vezes interrompida. (Apoiados.)

Eu disse que a execução desse Breve influe até sobre o exercicio de direitos politi-

cos. Vou prova-o de um modo irrecusavel.

O chefe da Igreja com o seu celebre Quamquam dolores, expelle do gremio catholico apostolico romano aquelle, contra quem foi elle fulminado. E se, na opinião dos nobres deputados esse Breve pôde e deve ser executado sem o beneplacito, pergunto: aquelle assim expellido do gremio catholico pôde, para ser eleito, ser considerado catholico apostolico romano?

Se os nobres deputados concordam n'isso: quebram a sua doutrina, fazem excepção da auctoridade do chefe da Igreja, nessa materia. E na hypothese ora figurada ou não do concordar commigo em que são feridos os direitos politicos, ou que o Breve é letra morta, por não estar revestido da formula do beneplacito. (Apoiados.)

O sr. Barros Pinheiro:—E se o clero não quizer casar, não fica o excomungado sem direitos civis?

(Ha outros ápartes).

O sr. Saldanha Marinho:—Não ha negal-o. Uma voz:— Isso é outra cousa.

O sr. Saldanha Marinho:—Com effeito! V. Ex.ª levam a sua doutrina muito longe, e eu tenho certeza, tenho convicção profunda de que serão victimas afinal da sua propria obra. (Apoiados.)

O sr. Felicio dos Santos:—Eu creio que não.

O sr. Ruy Barbosa:—Só são logicos em um sentido.

O sr. Saldanha Marinho:—Ja me disseram: não se offende a liberdade de imprensa; entretanto que de facto a atacam.

Não é muito commum o conhecimento do que é uma excomunição «vilanda»; vou dizer qual é esse estúpido parto da estulticia, cegueira, e mesquinha prepotencia romana.

Continua.

BAIRRADA

Triumpharam, infelizmente, os pessimistas.

A phylloxera já está na Bairrada. Encontraram-na os praticos do Douro em uma vinha situada no lugar de Casal Comba, freguezia do mesmo nome e concelho da Mealhada. Esta triste nova, que já hoje deve ser do dominio publico na Bairrada, terá por certo abalado algum tanto o espirito d'aquelles que até agora não atrederam nos estragos da phylloxera e não se queriam convencer que ella chegasse a atacar os vinhedos d'esta localidade. E o que é indubitavel é que, se o governo não ordenasse a inspecção a que se está procedendo, o mal permaneceria incubado porque nem as camaras nem os vificultores da Bairrada cuidavam de procurar praticos que lhes observassem as vinhas, embora as tivessem em proximo contacto com um ponto atacado, Souzellas, a dois passos d'esta importantissima região vinicola.

A vinha onde se descobriram as raizes phylloxeradas pertence a um proprietario e negociante abastado de Casal Comba, o sr. Couceiro, e é de crer que da sua parte se preste todo o cuidado ao tratamento que é mister empregar para obstar a invasão. Por enquanto a nodosa que se descobriu não é em grande extensão e julga-se que o seu tratamento não reclamará a existencia d'um posto experimental na zona atacada. O que se torna urgentissimo é que a autoridade administrativa torne os mais acertadas providencias para que da Mealhada não se exportem bacellos para parte alguma, sendo possível que, achando-se o mal circumscripto apenas á vinha do sr. Couceiro em Casal Comba, logo que n'ella se estabeleça o tratamento aduado, se ateha a invasão nos outros vinhedos.

Os bacellos onde se encontrou a phylloxera foram importados ha 4 annos de Torres Novas, região que hoje é considerada infccionada.

Diante da crise que se aproxima, ousamos perguntar: não será ainda tempo de tomarem a iniciativa d'uma campanha de protecção aos vinhedos d'esta localidade as camaras municipais dos concelhos da Bairrada?

Esperar-se-ha que os governos façam tudo e que a iniciativa individual continue entregue ao seu enorme desmazelo e ao seu natural abandono?

Vamos mimosiar o sr. Mendes Leite, com a transcripção d'alguns periodos d'um artigo publicado no n.º 3744 do *Comimbricense*, firmado pelo sr. Joaquim Martins de Carvalho.

Leia que deve gostar.

«Quando parecia que o decreto de 28 de Maio de 1834, referendado por Joaquim Antonio de Aguiar, tinha feito de todo extinguir os frades n'este paiz, apparecem elles por toda a parte, tolerados e consentidos pelos poderes publicos!

Assim se vae desenvolvendo com esses elementos o miguelismo e o jesuitismo; e se os ministros são interpellados no parlamento por estes factos, não tem duvida em responder que nada lhes consta!

Uma das localidades onde os frades e jesuitas estão promovendo activamente a reacção é o concelho de Oliveira de Azemeis.

A esse respeito nos dá informações um nosso amigo, de accordo com o que expõe *Oliveirense*, periodico d'aquelle concelho.

Diz-nos o nosso amigo que o convento de Cucujães, a distancia de 3 kilometros da villa de Oliveira de Azemeis, foi comprado pelos frades a um particular ha 8 a 10 annos. Ahi estabeleceram um collegio, que já conta grande numero de alumnos, os quaes elles educam a seu modo.

Fazem predicas quasi todas as noites na egreja do convento, attraído assim grande concurso de mulheres, que, fanatisadas por elles, abandonam os paes e maridos, para os ouvirem nas predicas e nas confissões, onde esses espiritos fracos recebem taes ideias, que produzem as maiores desordens nas familias.

Tambem pregam de dia, não cessando de se conspirar contra aquelles que os não procuram e não acreditam nas boas intenções das suas doutrinas, taxando-os de maçons, hereges, etc.

Informa-nos o nosso amigo que as grosserias que os padres dirigem aos artistas e lavradores, por não deixarem ir sempre as suas familias á egreja, tem indignado altamente tanto o povo d'aquella freguezia, como o de S. João da Madeira d'onde os frades já foram repellidos.

«É grande a irritação do povo contra estes reaccionarios, que estão lançando a zizania no meio das familias; e ha serios receios de desordens.

O *Oliveirense* chama a attenção do sr. governador civil de Aveiro para o estado de conflagração em que se acha a freguezia de Cucujães.

Confiamos que o sr. Mendes Leite não verá com indifferença a propaganda atrevida do jesuitismo n'aquella freguezia, ou em qualquer outra do districto que administra.

Não foi para presenciarmos isto que o sr. Mendes Leite emigrou e se bateu pela causa da liberdade nos campos da batalha.

O soldado n.º 150 do antigo batalhão dos voluntarios academicos, o bravo defensor da Serra do Pilar, hoje governador civil do districto de Aveiro, de certo não deixará que a reacção se torne no seu districto ameaçadora para o partido liberal.»

Fazemos nossas as palavras do nosso presadissimo collega, e não deixaremos de o acompanhar na lucta contra a infame seita do jesuitismo.

Ao sr. governador civil d'este districto pedimos energicas providencias, do contrario não teremos duvida nenhuma em o accusar como protector dos jesuitas.

O matadouro publico, no estado em que se acha, merece ser visitado pelo sr. presidente da camara.

Ali pode s. ex.ª admirar o zelo municipal e o cuidado que tem com as pequenas couzas d'esta infeliz terra.

O que para ali existe com o nome de matadouro publico, não pode continuar! Se não tem dinheiro para arranjar um edificio nas condições exigidas, ao menos mandem limpar essa caza imunda, asquerosa e repugnante.

E já que a camara municipal não tem vergonha, pedimos ao sr. administrador do concelho e ao sr. delegado de saude, para que se dignem visitar aquelle imundo edificio, informando a autoridade competente do seu vergonhoso e prejudicial estado, afim de que os habitantes d'esta cidade não estejam á mercê de meia duzia de individuos, que com o nome de camara municipal, apenas tratam dos seus arranjos particulares.

Bôa administração e zelo, é apenas o que pedimos.

Deve ter lugar amanhã a eleição da meza da Santa Caza da Misericórdia que não se effectuou no dia 2 por não ter comparecido numero legal de irmãos.

Foram mais oito dias de propaganda de honradez sedica.

Ao menos não lhe tem faltado tempo para annunciarem o seu elixir purificador, e para abarrotarem de zelosos.

É grande a celeuma que tem levantado proclamando por toda a parte:

«Nunca mais arranjos! Nunca mais casos graves!

Nós vamos salvar a Santa Caza da Misericórdia! Para isso é que mendigamos os votos dos que ainda nos não conhecem. Queremos ser eleitos. Já escrevemos para o Porto e para Agueda, a fim dos nossos amigos actualmente ali residentes virem reforçar as nossas fileiras. A victoria será nossa!

Nós, os honrados, queremos gente séria á testa da administração da Santa Caza. E nós é que somos os... serios e bons administradores da fazenda alheia.»

Assim vociferam os acephalos progressistas, que arrastando uma vida publica ignobil, querem introduzir-se

em toda a parte, com a mira de patrocinarem os escandalos.

É por isso, que novamente lembramos aos irmãos da Santa Caza da Misericórdia, que não se deixem illudir pelo palavriado dos trampolineiros, sendo circumspectos na escolha dos homens que devem fazer parte da nova meza, votando nos mais dignos e nos que melhores provas nos tenham dado da integridade do seu caracter.

O nosso estimadissimo amigo e assiduo collaborador d'este jornal, Alberto Augusto Bessa de Carvalho, acaba de soffrer uma perda irreparavel.

Depois de uma dolorosa e prolongada enfermidade, succumbio na cidade do Porto, no dia 1.º do corrente pelas 7 horas da manhã, a ex.ª sr.ª D. Roza Maria de Bessa, extremosa mãe d'aquelle nosso estimavel amigo.

Era uma senhora respeitabilissima, muito affavel, extremamente caritativa e dotada de excellentes virtudes.

Os proprietarios d'este jornal, maguados profundamente com a dôr por que acaba de passar o nosso affectuoso amigo, d'aqui lhe enviam os mais sentidos pesames.

Pedimos ao sr. administrador do concelho, para que se digne mandar vigiar os malandros que transitam de noite pela cidade afim de se evitar as scenas de vandalismo que por ali se praticam.

Ainda não ha muitos dias que os taes malandros arrombaram a porta das alminhas do Cojo, cortando as orelhas aos *santinhos* e chegando mesmo a decapitarem alguns d'elles! Não nos consta que roubassem algum dos objectos ali existentes.

Temos recebido algumas queixas, contra os empregados do correio de Mira, pela maneira como ali é feita a distribuição da correspondencia. Jornaes que para ali tems enviado não tem seguido ao seu destino. Algumas cartas são retidas n'aquella repartição, e só passados dias é que são entregues, embora a pessoa a quem ellas são dirigidas as tenham já procurado.

Ao sr. director do correio, pedimos para que se digne providenciar, afim de se pôr cobro a estes abusos.

Informam-nos que hoje ou amanhã deve ficar completamente restabelecida a linha do norte, entre a estação d'esta cidade e a de Estarreja, kilometro n.º 283, que tem estado interrompida em consequencia do descarrilamento que ali se deu no dia 2 do corrente.

Deve hoje chegar á invicta cidade, afim de assistir aos festejos de amanhã, sua magestade el-rei o sr. D. Luiz 1.º

Mais uma vez o real viajante se vem mostrar aos seus feis subditos e gastar mais alguns contos de reis em viajata.

O Zé morre de fome, mas o nosso bom monarcha diverte-se.

E viva o reinado das bambochátas.

Um correspondente de Paços Ferreira, sobre o reinado do callote, diz o seguinte:

«A camara d'este concelho não paga aos infelizes professores gratificações ha 33 mezes!!! O mesmo ordenado não é pago religiosamente como a lei estatue; muitas vezes os que se apresentam a receber não são satisfeitos, embora haja para pagamento a respectiva ordem, por não encontrarem o respectivo thesoureiro que é cle-rigo, pharmaceutico e cremos que tambem parochico. Não pode ser tanto. Alguem tem de soffrer.

Consta-nos que já houve um professor que requereu lhe pagassem tudo, mas a camara em plena sessão in-

deferiu, dizendo que não convinha mandar pagar, como se requereu. Admira que a tanto cheguemos e que assim se premeie de e estimule o bom serviço.

A escola de Paços deu, nos ultimos exames, um alumno pronto: as de Freamunde a do sexo masculino 4 e a do sexo feminino 9, 3 dos quaes tiveram classificação de «bons»; a de Figueiró 2 e a de Sanfins outros 2 ficando todos estes quatro com classificação de «bons.»

Alem d'isto o professor de Frazão levou ao lyceu um que recebeu approvação e em remuneração foi censurado em sessão por ter acompanhado o seu discipulo a exame! São estes os galardões que geralmente se dão aos pobres professores. Não haverá um braço potente que dê um golpe decisivo n'estes abusos?

O melhor golpe decisivo é acabar com o reinado do callote desterrando tudo quanto for monarchico. Do contrario, as ladroerias não terão fim, e os professores de instrucção primaria continuarão a ser roubados.

Recebemos o 1.º numero do jornal regenerador *O Globo*, que se publica em Villa do Conde. Agradecemos a visita do novo collega.

Dizem de Louzada que na freguezia da Madeira está uma mulher, de nome Engracia Pereira da Costa, a qual durante oitenta e tres dias não tomou alimento de especie alguma.

Durante este periodo foi atacada de uma inflamação intestinal, a qual com espanto dos medicos que já a tinham abandonado resistiu achando-se hoje em convalescença.

Recebemos as seguintes publicações, que agradecemos:

Galeria Republicana, n.º 36, illustrada com a photographia de J. S. Barreto de Figueiredo Perdigão, cuja biographia é escripta por Ernesto Pires. Contem mais os seguintes artigos: *Abaixo os duellos*, por J. de Rosiers—*Republicanos Brasileiro*, por Lopes Trovão.

Questão da Sebenta, *Carga Terceira*, triplica ao padre, pelo romancista Camillo Castello Branco. Brevemente diremos o que se nos offerecer sobre este folheto.

N'uma freguezia proxima do Bombarral, diz um collega, succedeu um facto originalissimo:

«Um professor de instrucção primaria, bastante illustrado foi servir de padrinho n'um baptisado, mas por uma razão qualquer o parochico não lavrou acto continuo o assento do baptismo, e o padrinho dias depois teve de retirar para Lisboa a tomar posse de um emprego. Mais tarde o parochico querendo legalisar o acto do baptismo fechou o respectivo assento por esta fórma: «... e foi padrinho F...», professor d'instrucção primaria, o qual não assignou por não saber escrever.»

Em Alicante um honrado sacerdote teve a diabolica lembrança de seduzir a esposa d'um trabalhador, que a surpreheu em flagrante adulterio com o miseravel que tem a audacia de chamar-se ministro do Senhor.

O infeliz e deshonrado marido, suffocado pela indignação, caiu gravemente doente e acha-se em perigo de vida. Como este malandro tem o Vaticano canonizado muitos.

No dia 2, houve em Marselha, á memoria de Garibaldi, uma grande manifestação, em que tomaram parte mais de cem pessoas, precedidas de estandartes francezes, hespanhoes e italianos.

No cortejo figuravam dois medalhões funerarios, um dos quaes era conduzido pelos delegados democratas dos Dois-Mundos, e o outro por cida-dãos do Pensamento Livre.

Os manifestantes partiram da praça de Joliette e percorreram as ruas principaes de Marselha, em direcção

ao cemiterio, onde os medalhões foram depositos sobre o mausoleu de Esquiros, proferindo-se muitos discursos em italismo e em francez.

Na rua do Cannelière, defronte do Circulo Esquiros, em cuja sacada se elevavam os bustos da Republica, de Esquiros e de Garibaldi, e onde fluctuavam as bandeiras francezas, italianas, hespanholas, americanas, suizas e gregas, o cortejo parou, soltando gritos de: «Viva Garibaldi! viva Esquiros! viva a Liga latina!

Um tal reverendo Contereels, cura de Homixen, (Belgica) escamoteou a uma penitente 13000 francos, e do affricco da sua parochia safou 10000, fugindo em seguida para a America. Os tribunaes belgas condemnaram aquelle santo varão em rebeldia, mas elle vae vivendo feliz e tranquillo com o producto da sua industria.

Os tribunaes de Boenos-Ayres tratam actualmente de proceder contra um mariola de sotaina, que commetteu um crime horrendo. Um cura, a pretexto de confessar, introduziu-se n'uma familia, resultando ser pae d'um menino, que teve uma joven. E aquelle ente preverissimo para encobrir o primeiro crime, praticou outro ainda mais grave, pois que estrangulou a creança!!!

Recommenda-mos este filho do Deus do Vaticano, ao sabujo Senna Freitas, para director dos collegios das irmãs da caridade.

Os tribunaes hespanhoes condemnaram á morte, desde 1875 até hoje, duzentos e setenta e seis criminosos, sendo executados cento e quarenta e oito!

Isto é que é progresso! E não admira porque é rei de Hespanha o filho de Izabel 2.ª a sanguinaria.

Quando entrará este despota no numero dos cento e quarenta e oito?

Os operarios occupados nas demolições do hotel Babilion, rua do Louvres, fizeram no dia 29 uma curiosa descoberta. Acharam nas adegas, debaixo de argamasas, um busto decapitado, de marmore, maior que o tamanho natural, assignado Dumont, e tendo a data de 1839.

Este busto devia ser o de Luiz Filipe, tel-o hiam mutilado em 1848. O uniforme de tenente-general, esplendidamente bordado, as dragonas e o grande cordão da Legião d'Honra estão perfeitamente conservados.

Escrevem de S. Petersburgo á *Independencia Belga*:

«Nestes ultimos dias compareceram perante os tribunaes de S. Petersburgo muitos individuos presos na occasião das graves desordens que aqui tiveram logar a 27 e 28 do mez passado, durante as illuminações da coroação.

Attendendo ás ameaças do povo, essas prisões não serealizaram na rua, mas mais tarde.

O numero de pessoas presas não é grande; não excede a dez, mas entre ellas acham-se algumas que serviram de chefes dos bandos organisados durante o tumulto. Os verdadeiros promotores das desordens não poderam ainda ser descobertos.

O inquerito d'este negocio provou que as desordens foram uma tentativa do partido revolucionario a fim d'experimentar até que ponto lhe seria possível obrar sobre as grandes massas do proletario. Os chefes revolucionarios devem ter ficado satisfeitos com os resultados d'esta primeira tentativa.

Na sexta feira á noite fizeram um novo ensaio do mesmo genero no jardim publico. Este grande jardim, onde toca á noite a musica militar, é conhecido ha muito tempo como *o rendez vous* das existencias problematicas da capital. Na sexta feira, sahram de repente varias vozes da multidão pedindo o *Hymno nacional*, vindo-se a orchestra obrigada a tocalo, ao mesmo tempo mãos invisiveis distribuam profusamente medalhas commemorativas da coroação, o que deu logar a rixas violentas. A policia viu-se na necessidade de prohibir d'aqui por diante os concertos populares n'aquelle jardim.»

ANNUNCIOS

VENDEM-SE

Duas commodas de nogueira preta e raiz, com pedras de marmore branco.

E' o mais bonito e melhor que se pode encontrar em nogueira preta.

Quem as desejar ver e comprar, pode dirigir-se a

5—Rua d'Alfandega—6

Loja do Povo

Nos baixos do Hospital

AVEIRO

Esta casa tem a despacho na Alfandega do Porto um esplendido sortido em fazendas de lã para vestidos, setins e sedas lavradas.—Recebe desde já encomendas pelas amostras que estão patentes.

ESPECIALIDADE

EM

CHÁ E CAFÉ

ATENÇÃO

João Antonio da Graça acaba de receber um grande sortido de balões venezianos, assim como uma grande colleção de bandeiras, as quaes aluga por preços muito commodos.

O mesmo annunciante se encarrega da collocação de illuminação nos arraaes, assim como adornamentos de ruas.

Aveiro, Rua de José Estevão n.º 24.

ENCADERNADOR

93—RUA DIREITA—93

AVEIRO

Nicolau A. S. Guerra, acaba de abrir a sua officina, na Rua Direita n.º 93.

Encarrega-se de toda e qualquer encadernação por preços excessivamente modicos; garante a promptidão e perfeição do seu trabalho.

BAIXA DE PREÇO

Sabão amarello gordo de boa qualidade a 1:600 reis por cada arroba antiga (14,688) e a retalho a 120 reis o kilo, vende se na loja de Fernandes Melicio na rua Direita em Aveiro.

LA ILUSTRACION

MILITAR

(Revista litteraria, scientifica e artistica)

Este esplendido jornal, dedicado á classe militar, publica-se mensalmente em Madrid, impresso em superior papel de grande formato, com gravuras magnificas de acontecimentos militares, primorosamente executadas por distinctos artistas. Muitos n.ºs são acompanhados d'um supplemento com uma gravura de dupla pagina para album ou quadro e mais duas paginas de leitura amena: cada n.º ordinario contem 16 paginas a 3 columnas de luxuosa impressão, e o n.º do supplemento contem 20 paginas.

Publica em cada n.º pelo menos, 40 gravuras.

Os preços da assignatura em todo o reino de Portugal são os seguintes.

Anno..... 2:300

Semestre..... 1:200

Trimestre..... 600

Não terão valor os pedidos que não venham acompanhados da sua importancia em vales do correio.

Dirigir para subscrever ao Representante, no Porto:

A. A. de Bessa Carvalho
Campo 24 d'Agosto, 138.

!NOVIDADE!

**Ourivesaria Manu-
factora**

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

José Eduardo Mourão

SINGER!

A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA

DO MUNDO!

GRANDE NOVIDADE

A COMPANHIA FABRIL

SINGER

apresenta ao publico um magnifico sortido das suas excellentes e mais modernas

PRIVILEGIO EM PORTUGAL POR 20 ANOS



GARANTIA POSITIVA E ILLIMITADA

**DE LANÇADEIRA
OSCILLANTE**

E' esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de costura; trabalho facil e perfeito.

O pesponto o mais elastico e o mais perfeito.

Para se convencerem da verdade vinde ás casas abaixo indicadas onde se darão todos os esclarecimentos.

ENSINO GRATIS! CONCERTO GRATIS!

500 reis semenaes, e 10 por cento a dinheiro.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

COMPANHIA FABRIL SINGER

75, Rua de José Estevão, 79

Pegado ao Edificio da caixa Economica

AVEIRO

52, Largo da Praça, 53

OVAR

N. B. Em Espinho vende-se tambem na casa de Carlos Evaristo Felix da Costa.

NUNCA MAIS

gastará dinheiro em solas nem tacões, quem usar os portectores do calçado, invenção privilegiada de John Blakey.

Vendem-se pelo modico preço de 200 rs. na loja de tamancaria de Manoel dos Reis S. Thyrsó.

13—Rua dos Tavares—13

(á Praça da Fructa.)

AVEIRO

NO PRELO

Musa Velha

POR

FRANSISCO PALHA

Um volume em papel chamóis e ty-no eizeviriano.

PORTO
ERNESTO CHARDRON, EDITOR

Questão da sebenta

I

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«Notas á Sebenta»—do dr. Avelino Cesar Callisto. 1 folheto 60 reis.

II e III

«O sr. Camillo C. Branco e as suas notas á Sebenta»—por Avelino Cesar A. Callisto.

«Duas palavras ao sr. Camillo C. Branco»—por José Maria Rodrigues. 1 folheto 60 reis.

IV

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«Notas ao folheto do dr. Avelino C. Callisto». 1 folheto 60 reis.

V

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«A cavallaria da Sebenta»—Resposta ao theologo. 1 folheto 100 reis.

VI

«As evasivas do sr. Camillo C. Branco»—por José Maria Rodrigues. 1 folheto 100 reis.

VII

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«Segunda carga da Cavallaria»—Réplica ao padre. 1 folheto grande 150 reis.

VIII

A Replica

do sr.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

por José Maria Rodrigues
1 folheto..... 100 rs.

IX

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Carga Terceira

TREPICA AO PADRE

1 folheto..... 150 rs.

Toda a colleção..... 720 reis

Pelo correio..... 780 »

Na livraria de ERNESTO CHARDRON—Porto.

NO PRÉLO

O CORPO HUMANO

Edição Illustrada

Esta obra, illustrada com 44 GRAVURAS elucidativas do texto, precedida d'uma gravura colorida representando a circulação do sangue (pulmões, arterias e veias) e impressa em MAGNIFICO PAPEL, formará um grosso volume in-8.º de 400 paginas, pouco mais ou menos.

Afim de facilitarmos a aquisição d'esta excellente publicação, resolvemos dividil-a em 5 FASCICULOS, custando cada um 200 reis.

O prospecto é remetido a quem o pedir a ERNESTO CHARDRON, EDITOR PORTO

Galeria Republicana

Editor e proprietario

JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director—MAGALHÃES LIMA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Quem angariar 10 assignaturas receberá uma gratis Lisboa

Anno ou 24 numeros..... 15500

Semestre ou 12 numeros.... 720

Trimestre ou 6 numeros..... 400

No acto da entrega..... 70

Numero avulso..... 100

Provincias e illas

Anno ou 24 numeros..... 15600

Semestre ou 12 numeros.... 800

Africa e estrangeiro accresce o importe do correio.

Brazil, anno ou 24 numeros

(moeda forte)..... 35000

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA
CONVENTO DA ESTRELLA
COIMBRA

BOLACHA		BISCOUTOS	
	Kilo		Kilo
D. Luiz.	220 rs.	Limão 1. ^a	220 rs.
Franceza 1. ^a	230 »	» 2. ^a	210 »
» 2. ^a	210 »	Canella 1. ^a	220 »
Agua e Sal 1. ^a	240 »	» 2. ^a	190 »
» 2. ^a	230 »	Lacinhos	250 »
Leve	210 »	Suissos	400 »
Torrada	240 »	Belgas	320 »
Requife 1. ^a	360 »	Paciencias e Marialvas	400 »
» 2. ^a	260 »	Linguas de gato	400 »
» 3. ^a	220 »	Palitos amendoa 1. ^a	360 »
Erva doce	170 »	» 2. ^a	320 »
Amores	360 »	Canella	220 »
Pão de Ló		Limão	240 »
» em fatia torrado		Deliciosas	320 »
Pemzinhos	360 »	Estrellas	400 »
Primores	400 »	Corças a Camões	320 »
Bolo inglez, duzia	200 »	Marquinhas	320 »
		Pauperios e Bisc. Porto	220 »

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA

COM

OFFICINA DE SERRALHARIA

EM



FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuzo do preço de 15900 a 95000, fogões chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimaes, e tudo pertencente ao seu ramo.

Preços sem competencia.

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

4---Largo da Apresentação---6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.



PRAÇA DE TOUROS

EM

AVEIRO

Domingo, 15 de julho, ás 5 h. da tarde

No dia 15 do corrente mez, terá lugar uma brilhante e apparatusa corrida de touros, dada por uma troupe de amadores de Coimbra e Figueira. Tomará tambem parte n'esta corrida, o distincto cavalleiro amador, o ex.^{mo} sr. José Maria de Lemos, que virá expressamente da Figueira da Foz para este fim.

Os curiosos serão coadjuvados por alguns capinhas.

Serão corridos 7 bravissimos touros, apartados a capricho das mandas d'um acreditado lavrador.

PREÇOS

Camarotes de sombra, 15500 rs.—Ditos de Sol, 15000 rs.—Superior 240 rs.—Sombra, 160 rs.—Galerias 140 rs.—Sol 120 rs..

COMPANHIA

DAS

Messageries Maritimes



A Empreza protectora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezes a sahirem de Lisboa: EQUATEUR, em 8 de julho, Pernambuco, Bahia Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres. — GERONDE em 23 de julho directamente ao Rio de Janeiro, Montevideu e Bueno Ayres.

A mesa de 1.^a classe é commum para os sr.º passageiros de 2.^a. Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA 48—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—50